



ARTIGO

## Fuga de Cérebros e o futuro da nossa ciência

**Renato Janine Ribeiro**

*Presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)*

Não temos dados seguros sobre a fuga de cérebros. Cada vez que eu ou algum outro dirigente de sociedade científica é entrevistado, os jornalistas nos pedem números. Não dispomos deles. O mais próximo que temos é um cálculo engenhoso, pelo CGEE, que seu presidente Márcio de Miranda Santos expôs na comemoração pela SBPC do Dia do Fico. É um trabalho ainda em andamento, mas indicava que possivelmente teríamos 2 mil cientistas brasileiros que nos últimos anos deixaram o país por outros centros. Se calcularmos que doutoramos 20 mil pessoas ao ano, 2 mil ao longo de alguns anos não chega a ser um número extraordinário. Mas há que passar da quantidade à qualidade.

O que pude perceber, especialmente quando fui diretor de Avaliação da Capes, entre 2004 e 2008, foi que nossos pesquisadores são muito resilientes. Fazem o que podem para ficar aqui. Pode ser amor ao país, aos costumes, às pessoas queridas. Pode ser vontade de devolver ao Brasil o que este lhes deu. Pode ser vontade de fazer uma diferença. Mas o fato é que ficam, mesmo em condições de trabalho bem inferiores às que teriam em grandes centros.

Mas esta é uma situação insustentável. Lembra o período inicial do governo Lula, quando muitos doutores não tinham colocação profissional. A grande expansão do ensino superior, especialmente público, permitiu absorver muitos dos nossos doutores. Mas é óbvio que deveremos titular cada vez mais (mestres e) doutores, portanto, necessitaremos ter colocação para eles. E não por corporativismo, mas simplesmente porque (1) estamos formando pessoas de alta qualificação, (2) na sociedade e economia do conhecimento é preciso cada vez mais gente qualificada. Este é um dos círculos virtuosos que a ciência proporciona às sociedades que nela investem.

O Brasil vem andando na contramão há vários anos. Faz o contrário do que os países desenvolvidos praticam. O que mais me impressiona é que o debate econômico, pelo menos na grande mídia e entre os decisores políticos, ignora o que é voz corrente na grande mídia liberal – digamos, no *The Economist*, uma espécie de bíblia do liberalismo. Pois o que dizem os apóstolos do desenvolvimento econômico pelo mercado? Que o principal fator, hoje, é a ciência somada à educação. Não são as taxas de juros. Nem mesmo a pri-

vatização assume mais tanta importância, haja vista o vigor com que a China, com uma economia com setor privado forte mas controle estatal ainda maior, avança. O decisivo são a ciência e a educação.

A ciência, para encontrarmos soluções para problemas num mundo em risco de exaustão ambiental e social. Um exemplo simples: os mais pobres querem, com justiça, um nível de consumo melhor, que os aproxime dos mais ricos. Querem, por exemplo, comer carne. Mas é viável toda a população mundial ter o padrão de consumo dos estadunidenses? Não. Então precisamos de vários movimentos: 1) melhorar o padrão de consumo dos mais pobres, 2) de uma forma ambientalmente sustentável, 3) ao mesmo tempo que discutimos se é o caso de reduzir o consumismo entre os mais ricos ou se há soluções ambientalmente amigáveis que permitam mantê-lo.

Já a educação é o que forma pessoas para lidarem com este mundo mais complexo. A recente notícia de que 96% dos alunos que se formam no ensino médio do Estado de São Paulo simplesmente não sabem resolver uma equação de primeiro grau é assustadora. Ela é sinal de uma deficiência na formação gigantesca. Como poderemos formar pessoas, para a sociedade e economia do conhecimento, se ele é tão pouco incorporado nas mentes de nossos jovens, de nossos compatriotas?

Tudo isso requer políticas bem diferentes das adotadas nos últimos anos. Devemos garantir o futuro de nosso País, assegurando uma educação de qualidade – área em que há muita pesquisa boa, o que parece faltar é vontade política – e uma ciência que aproveite os nichos em que o Brasil pode ser excelente, e que não são poucos. Nossa ciência existe e resiste. Fará parte desta resistência a colocação profissional de nossos (mestres e) doutores, mas isso tudo pertence a um projeto de país que necessita ser explicitado e contar com a adesão ampla da sociedade.



---

**Renato Janine Ribeiro**

*Presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)*